



Análise de discurso crítica e filosofia da meta-realidade: reflexões sobre ética e identidades

Critical discourse analysis and philosophy of meta-reality:
reflections on ethics and identities

Análisis de discurso crítico y filosofía de la meta-realidad:
reflexiones sobre ética e identidades

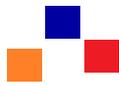
Viviane Vieira (UnB/PPGL)

Juliana de Freitas Dias (UnB/PPGL)

Resumo

Com base em princípios da Análise de Discurso Crítica em leituras latino-americanas, neste artigo levantamos reflexões sobre limites, alcances e possibilidades dos estudos críticos do discurso, bem como dos desdobramentos científicos do Realismo Crítico, denominados por Bhaskar como Filosofia da meta-Realidade, para abordar a questão premente do mal-estar social e individual nos tempos-espacos atuais de exploração capitalista. Para tanto, refletimos sobre a compreensão de discurso como prática social, passando por princípios da meta-Realidade e a autoestruturação do ser. Também estabelecemos um paralelo com contribuições da Psicologia transpessoal e da Antroposofia, e sua visão holística da vida e dos nossos problemas sociais, em nossa busca inicial por transcender a centralização meramente estrutural e econômica no debate sobre mudanças sociais e discursivas, para, enfim, atermo-nos à ênfase nas questões identitárias nos estudos críticos do discurso. A discussão nos aponta a urgência de discutir questões éticas e humanitárias, ou seja, do *ser* no mundo, que envolvem o cuidado e o respeito consigo, com outrem, com o universo como um todo, vislumbrando um mundo que faça sentido para todos nós, de paz, união, respeito, cuidado e cooperação, em vez de competição.

Palavras-Chave: Discurso, identidades, meta-Realidade.



Abstract

Based upon the Latin-American readings on the Critical Discourse Analysis principles, in this article we reflect on the limits, range and possibilities of the critical discourse studies, as well as the scientific developments of Critical Realism, termed Philosophy of meta-Reality by Bhaskar, to approach the pressing question about the social and individual unease on the contemporary time-spaces of capitalist exploitation. To achieve so, we contemplate the comprehension of discourse as social practice, going through the principles of meta-Reality and self-structuring of being. We also establish a parallel between contributions of Transpersonal Psychology and Anthroposophy, and their holistic view of life and our social problems, in our initial attempt to transcend the purely structural and economical centralization on the debate about social and discursive changes, to, at last, focus on the identity questions in the critical discourse studies. The discussion leads to the urgency of discussing ethical and humanitarian questions, that is, about the *being* in the world, which involve care and respect for oneself, for others, for the universe as a whole, disclosing a world that makes sense to all of us, with peace, union, respect, care and cooperation instead of competition.

Keywords: Discourse, identity, meta-Reality.

Resumen

Con base en principios del Análisis de Discurso Crítico en lecturas latinoamericanas, en este artículo planteamos reflexiones acerca de los límites, alcances y posibilidades de los estudios críticos del discurso, así como de los despliegues científicos del Realismo Crítico, denominados por Bhaskar como Filosofía de la meta-Realidad, para abordar la cuestión apremiante del malestar social e individual en los tiempos-espacios actuales de explotación capitalista. Para ello, reflexionamos sobre la comprensión de discurso como práctica social, pasando por principios de la meta-Realidad y la auto estructuración del ser. Asimismo, establecemos un paralelo con contribuciones de la Psicología transpersonal y de la Antroposofía, y su visión holística de la vida y de nuestros problemas sociales, en nuestra búsqueda inicial por trascender la centralización meramente estructural y económica en el debate sobre cambios sociales y discursivos, para, por fin, atenernos al énfasis en las cuestiones identitarias en los estudios críticos del discurso. La discusión nos señala la urgencia de discutir cuestiones éticas y humanitarias, o sea, del *ser* en el mundo, que implican el cuidado y el respeto con uno mismo, con el otro, con el universo como un todo, vislumbrando un mundo que tenga sentido para todos nosotros, de paz, unión, respeto, cuidado y cooperación, en lugar de competición.

Palabras Clave: Discurso, identidades, meta-Realidad



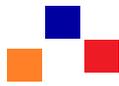
*No pensar, lucidez
No sentir, afeição
No querer, ponderação
Se eu aspiro a estas,
Então eu posso esperar
Que eu saberei orientar-me
Nas trilhas da vida
diante de corações humanos
No âmbito do dever
Pois, lucidez provém da luz da alma
Afeição, mantém o calor do espírito
E ponderação revigora a força vital.
Steiner*

Apresentação

Neste ensaio, trazemos algumas reflexões iniciais, surgidas no âmbito dos nossos projetos “Corpos e identidades como práticas discursivas: estudos em análise de discurso crítica”(RAMALHO, 2013) e “Identidades da pós-modernidade, autoria criativa e consciência linguística crítica: estudos discursivos” (DIAS, 2015), aos poucos, amadurecidas em nossas práticas-teóricas na universidade, em eventos científicos, na atuação docente e na vida cotidiana também. Filiadas a princípios da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), em leituras latino-americanas (DIAS, 2011; 2015; RAMALHO e RESENDE, 2011; RESENDE e RAMALHO, 2006; VIEIRA, 2013), bem como do Realismo Crítico, de Bhaskar (1998, 2002, 2012), nos vimos instigadas por questões relacionadas a ética, identidade/s e questões de base moral do ser e (con)viver no mundo, em um contexto situado de “crises de dimensões intelectuais, morais, espirituais”, como observa Capra (2004[1982]).

Tais problemáticas, resultantes também das crises relações de exploração e sofrimento impostas pelo capitalismo avançado e que emergem diariamente em nossas vidas cotidianas, na universidade na convivência com jovens, nos noticiários, nas teorias atuais, nos levaram a leituras e debates iniciais inquietantes acerca dos alcances e limites da nossa prática-teórica fundamentada na ADC e no Realismo Crítico no que diz respeito à crítica e potencial intervenção em questões sociais (sociodiscursivas, mais apropriadamente) relacionadas a ética, a moral, a ser e estar no mundo, a identidades, a inter-relações sociais, vislumbrando um mundo de paz, união, respeito e cuidado de si e do outro.

Nesse movimento de inquietação e busca, encontramos respostas em leituras de base humanista-universalista: na filosofia da meta-Realidade, de Bhaskar (2012); no movimento decolonialista da filosofia da libertação, de Dussel (2015); na física quântica, de Capra (trad. de 2004); no ecofeminismo, de Warren (2000), que chegou a nós pela leitura de Rosendo (2015);



na Antroposofia, de Steiner (trad. de 2006 e 2011) na Filosofia perene, de Guénon (trad. de 2010); na Psicologia transpessoal, abordada em Weil, Leloup e Crema (2012), dentre outros pensamentos convergentes com nosso anseio acerca do necessário diálogo transdisciplinar com práticas-teóricas que transcendessem, principalmente: o materialismo racional; o ponto de partida em “problemas”; as mudanças conquistadas por meio de “lutas”; assim como o foco na estrutura/sistema econômico e social, e, ainda que considerada sem a devida profundidade, a agência humana.

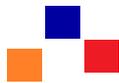
Neste trabalho, buscamos, então, reunir essas reflexões iniciais, pondo teorias universalistas situadas em diálogo com a ADC na busca de bases teórico-metodológicas científicas mais integrativas, holísticas e fundadas em uma ética *sensível ao cuidado*, nos termos do ecofeminismo de Warren (2000), em que se considere o potencial da autoestruturação do ser como caminho para a emancipação humana coletiva (BHASKAR, 2012).

1. O discurso como prática social: poder-saber-ser

Como uma abordagem transdisciplinar para a crítica do funcionamento da linguagem nas práticas sociais, a Análise de Discurso Crítica (ADC) é politicamente comprometida com problemas sociais relacionados a poder e a justiça. Ampliando tal noção de “justiça” (mais atrelada a um sistema legal racional), propomos, com Rosendo (2015, p. 114), associar a discussão sobre *poder e “cuidado”*, já que “o cuidado é central para a vida humana, ao contrário do direito e da utilidade, pois o cuidado envolve os relacionamentos interpessoais e a consciência cultural que as questões morais requerem”, conforme a autora. Dessa forma, buscamos traçar caminhos teórico-metodológicos ética e politicamente comprometidos com questões sociais relacionados a poder e ao cuidado – de si, de outrem, do mundo.

A ADC concebe a relação linguagem-sociedade como dialética, entendendo questões sociais como parcialmente discursivas, e vice-versa (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. vii). Valoriza, então, a transdisciplinaridade como percurso de investigação, especialmente no que tange à compreensão dos fenômenos sociais que têm sofrido profundo impacto na atualidade. Os autores ressaltam o lugar da ADC no interior dessa análise social mais ampla que envolve os processos implicados na pluralidade da vida social e na fragmentação dos agentes sociais como processos de natureza discursiva: “fragmentação e diferenciação são parcialmente constituídos na proliferação de linguagens” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 5, 16).

Nas palavras dos autores, essa perspectiva teórica “reúne uma variedade de teorias em diálogo, em especial teoria sociais de um lado e teorias linguísticas de outro”. Desse modo, o caráter transdisciplinar da ADC advém do “rompimento de fronteiras epistemológicas” com teorias sociais, por meio do qual constrói sua própria abordagem sociodiscursiva assim como subsidiam os estudos discursivos no bojo das pesquisas sociais (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 14). Da mesma forma, estudos em Análise de Discurso Crítica



concebem, com base em (BHASKAR, 1998), a relação entre agência individual e estrutura social como transformacional, ou seja, a estrutura social possibilita e constrange a agência individual, a qual impacta na (re)produção da estrutura social, de modo que agência-estrutura, ou sujeito-objeto, (re)criam-se simultaneamente, transformacionalmente.

Assim, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) consideram a vida social como um sistema aberto formado de práticas – modos habituais, relativos a tempos e lugares, nos quais as pessoas empregam recursos materiais ou simbólicos para interagirem no mundo. Tais práticas podem ser consideradas práticas de produção, não no sentido de produção econômica, mas na medida em que as pessoas produzem seu mundo social em suas próprias práticas. Toda prática da vida social articula em conjunto diversos elementos/momentos e, nesse sentido, diversos mecanismos. O discurso é um desses elementos/momentos e possui seus próprios mecanismos em uma perspectiva dialética com relação aos demais elementos, pois ajuda a constituir os outros elementos da mesma forma que é por eles constituído. Cada momento da prática internaliza os outros momentos sem ser redutível a nenhum deles. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 61) identificam quatro principais momentos de uma prática: a atividade material (vozes, marcas no papel); as relações sociais e processos (relações, poder e instituições); fenômenos mentais (crenças, valores e desejos) e o discurso.

O conceito de articulação é bastante adequado, tanto para a análise da interação de tais momentos componentes de uma prática, como para a análise da relação de internalização entre eles, pois “cada prática pode, simultaneamente, articular juntamente com muitas outras de múltiplas posições sociais e com diversos efeitos sociais”, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 24).

Dessa maneira, o discurso (o aspecto semiótico da prática social) é visto como parte integrante da vida social, em constante co-criação em maneiras de agir e interagir no mundo, em relações sociais, que envolvem pessoas, com suas crenças, valores, atitudes, histórias. Com base nos três grandes eixos da obra de Foucault (1994) – o *eixo do poder*, o *eixo do saber* e o *eixo da ética*, conforme retomam Ramalho e Resende (2011, p. 52), assume-se que o discurso funciona simultaneamente nas práticas sociais como maneiras, socialmente legitimadas, de *agir e interagir* (ou seja, como gêneros discursivos), como maneiras de *representar* (ou seja, em discursos particulares) e, ainda, como maneiras de *identificar*, a si e a outrem (por meio de estilos).

Daí advêm os três principais significados dialéticos do discurso: significado inter-acional, relacionado a poder; significado representacional, relacionado a saber e significado identificacional, relacionado a éticas situadas. O significado inter-acional relaciona-se ao eixo do poder, ou seja, a “relações de ação sobre os outros”. Nessa perspectiva é que se entende que gêneros, como maneiras de (inter)agir e relacionar-se discursivamente, implicam relações com os outros, mas também *ação sobre os outros* e *poder*. O significado representacional relaciona-se ao eixo do saber. Discursos, como maneiras particulares de representar aspectos do mundo, pressupõem *controle sobre as coisas* e *conhecimento*. O significado identificacional, nessa cadeia dialética, por fim, relaciona-se ao eixo da

ética. Estilos, maneiras de identificar a si e aos outros, pressupõem *identidades sociais e individuais*, ligadas às “relações consigo mesmo”, ao “sujeito moral”.

Dialeticamente, entendemos, por exemplo, que o controle sobre as coisas (saber) é mediado pelas relações com/sobre os outros (poder), assim como as relações com/sobre os outros pressupõem relações consigo mesmo (ética), e assim por diante. Consequentemente, Fairclough (2003, p. 29) lembra que “discursos particulares (representação/saber) são mediados por gêneros (ação/poder), assim como gêneros pressupõem estilos (identificação/ética)” ou, ainda, que “representações particulares (discursos) podem ser legitimadas em maneiras particulares de ação e relação (gêneros), e inculcadas em identidades particulares (estilos)”.

Para nós, colocar em debate teorias humanistas-universalistas na ADC implica um olhar (ainda que sempre dialético em relação aos demais eixos) mais voltado para o *eixo da ética*, da “prática de si”, das identidades, dos estilos nos gêneros e discursos, das “relações consigo mesmo/a”, do “sujeito moral”, das maneiras processuais e performáticas de *ser e de se identificar* no mundo, em práticas particulares (FOUCAULT, 1994; 2010[1984]).

2. Princípios da Filosofia da meta-Realidade e autoestruturação interna do ser

A última década de produção bibliográfica de Bhaskar (2002[2012]) é dedicada a desenhar sua filosofia da meta-Realidade, com base no princípio de que “a mudança deve ocorrer de dentro para fora” (BARROS, 2015, p. 50). Em linhas gerais, Bhaskar (2012) avança nas reflexões sobre a concepção transformacional de constituição da sociedade para propor uma compreensão do mundo como um todo universal profundamente interconectado, e uma concepção do ser como fonte de agência causal no mundo. Em tal compreensão, convergente com epistemologias mais complexas e holísticas sobre totalidades integradas, a dualidade é reconhecida como causa-efeito de desigualdades, guerras, discriminação, dominação, exploração, opressão, infelicidade, sofrimento, (auto) destruição (BHASKAR, 2012).

Como Barros (2015, p. 50-1) ainda explica, “essa nova posição filosófica vai além do realismo crítico”, “abarcando um pensamento transcendental radical”, uma vez que enxerga a realidade em estados de não dualidade e fases do *ser*”, pois “para entrar no mundo da *Metarrealidade*, é preciso compreender as limitações deste mundo de dualidade”, “em que nós estamos alienados de nós mesmos, uns aos outros”, empurrando-nos para a autodestruição. Para Bhaskar (2012), como explica a autora, “o ‘ego’ é um ‘eu’ separado que está em oposição a todos os outros ‘eus’”, e “é essencial para o discurso filosófico da modernidade, para o capitalismo e para muitas instituições sociais existentes, que pressupõem um sujeito isolado.”

Bhaskar (2012) desenha sua filosofia apresentando “Momentos-chave da Filosofia da meta-Realidade mapeados nos domínios da realidade do Realismo Crítico”, sua elaboração teórica anterior. Ilustramos uma pequena parte desse mapeamento proposto pelo autor:

Quadro 1 - Momentos-chave da Filosofia da meta-Realidade mapeados nos domínios da realidade do Realismo Crítico

Domínios da realidade	<i>Real</i> experiências, conceitos e signos eventos <i>mecanismos</i>	<i>Realizado</i> experiências, conceitos e signos <i>eventos</i> [mecanismos]	<i>Empírico/Conceitual</i> <i>experiências, conceitos e signos</i> [eventos] [mecanismos]
Estratos da realidade	Realidade absoluta	Realidade relativa	Falsa realidade
Princípios meta-filosóficos	não-dualidade (unidade, uma propriedade da consciência)	dualidade	dualismo (alienação, falsidade)

Adaptado de Bhaskar (2012, p. 06)

Partindo de princípios do Realismo Crítico (BHASKAR, 1998; RESENDE, 2009), são mantidos os mesmos domínios da realidade anteriormente propostos (real, realizado [*actual*], empírico) assim como a compreensão de mecanismos gerativos com poderes causais que geram efeitos imprevisíveis nas práticas sociais e nos eventos. Como resumem Ramalho e Resende (2011, p. 163), para o Realismo Crítico o mundo é concebido como estratificado, mutável e aberto, daí a existência de três domínios da realidade: o potencial[real], o realizado [*actual*] e o empírico (BHASKAR, 1998).

O “potencial”[real] é o domínio dos objetos, suas estruturas, mecanismos e poderes causais. Sejam físicos, como minerais, ou sociais, como burocracias, esses objetos têm uma certa estrutura e poderes causais. O potencial é, portanto, o domínio das estruturas, mecanismos e poderes causais dos objetos, e o “realizado”[*actual*] refere-se “ao que acontece *se e quando* estes poderes são ativados”, ou seja, àquilo que esses poderes fazem e ao que ocorre quando eles são ativados (SAYER, 2000, p. 10). Assim, o potencial é o domínio dos poderes causais; o realizado é o domínio dos eventos em que se acionam esses poderes, e o “empírico”, por fim, é o que se experiencia do potencial e do realizado.

Repensando isso nos termos da Filosofia da meta-Realidade, no aspecto que nos interessa aqui em relação à ADC, Bhaskar (2012) reavalia como, no potencial da “realidade absoluta”, da não-dualidade, *mecanismos* podem oferecer poderes causais para a construção tanto da dualidade, nos *eventos* na vida social, quanto do dualismo no domínio do empírico/conceitual, gerando uma “falsa realidade” sustentada em *experiências, conceitos e signos*. Para nós, parcialmente sustentada pelo discurso.

O discurso (experiências, conceitos e signos), portanto, aparece no arcabouço de Bhaskar (2012) como mecanismo fundamental para a construção e sustentação de uma “falsa ideologia” de separatividade, mas também como recurso para a retomada da não-dualidade (característica da “realidade absoluta”), da consciência de unidade do todo, do absoluto, do “envelope cósmico” (BARROS, 2015, p. 53).



A convergência do diálogo transdisciplinar com os estudos críticos do discurso está, por exemplo, no foco em efeitos ideológicos, e contra-ideológicos, que (sentidos de) textos podem ter sobre relações sociais, ações e interações, saberes, crenças, atitudes, valores, normas, identidades. A diferença é que na ADC já não nos restringimos à noção de ideologia como “falsidade”, já que entendemos, com Thompson (2002), que há outras maneiras como a ideologia pode operar nos eventos para fins de dominação, como por meio de estratégias de legitimação, de padronização, de universalização, de fragmentação, dentre outras, além da dissimulação, que se aproxima do que seria um “falseamento da realidade”.

Bhaskar (2002, 2012) ainda traz muitas outras contribuições, como a ênfase na questão da agência humana, das identidades, dando relevo à discussão sobre o que define como a “*autoestruturação interna do ser*” como caminho para a emancipação humana coletiva. Entendemos, com Barros (2015), no âmbito dos estudos críticos do discurso, que “a autorrealização individual é o único caminho para a autorrealização universal”. Com foco no potencial humano criativo, observa que a ‘falsa’ separatividade, fragmentação, alienação da totalidade universal desune as pessoas, as desconecta das totalidades integradas. Nessa dinâmica de ‘falsa’ separação, de ‘dualidade’, o ser humano se reconhece como ‘superior’ às demais formas de vida, legitimando, por exemplo, o meio ambiente natural como algo ‘fora’ e não como parte de sua própria natureza, de própria realidade, e, ainda, não reconhece si mesmo no outro, naturalizando práticas de competitividade, concorrência, agressividade, violência, exclusão.

Na linha do que também discutem Rosendo (2015), Weil, Leloup e Crema (2012), dentre outros, Bhaskar (2012) problematiza como tais posturas do “eu” no mundo, na vida social, atuam potencialmente como elemento causal relacional de desigualdades, guerras, discriminações, exploração, infelicidade, opressão, autodestruição, destruição do meio ambiente, violência, sofrimento.

Assim sendo, lança luz na questão ética e moral do ser no mundo, consciente de sua agência humana integrada em uma totalidade universal que é constituída de unidade e cooperação. Assim, a crítica sobre estruturas de poder (incluindo estruturas políticas, históricas) perpassa, transformacionalmente, a crítica sobre a (inter/intra)ação do ser no mundo, isto é, inclui o que define como a “estrutura fina”, que consiste na *autoestruturação interna do ser* (BHASKAR, 2012; BARROS, 2015), como mecanismo causal fundamental da emancipação coletiva. Nos termos de Bhaskar (2012, p. 08),

a filosofia da meta-Realidade descreve a maneira como o mundo depende, é sustentado e existe somente em virtude da energia livre, amorosa, criativa, inteligente e de ações em estados não-duais de nosso ser e de nossa atividade. Ao nos tornarmos conscientes disso, começamos o processo de transformação e superação da totalidade das estruturas de opressão, alienação, mistificação e miséria que temos produzido.

Avança-se, desse modo, numa compreensão que ultrapassa o cientificismo racional, materialista, mecanicista, que, nas palavras de Capra (2004, p. 9), concebeu “o universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados”, que “ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida”.

O foco no sistema econômico, tecnológico, assim como no conflito e na luta como forças propulsoras de mudanças sociais (CAPRA, 2004), abre espaço, nessa epistemologia

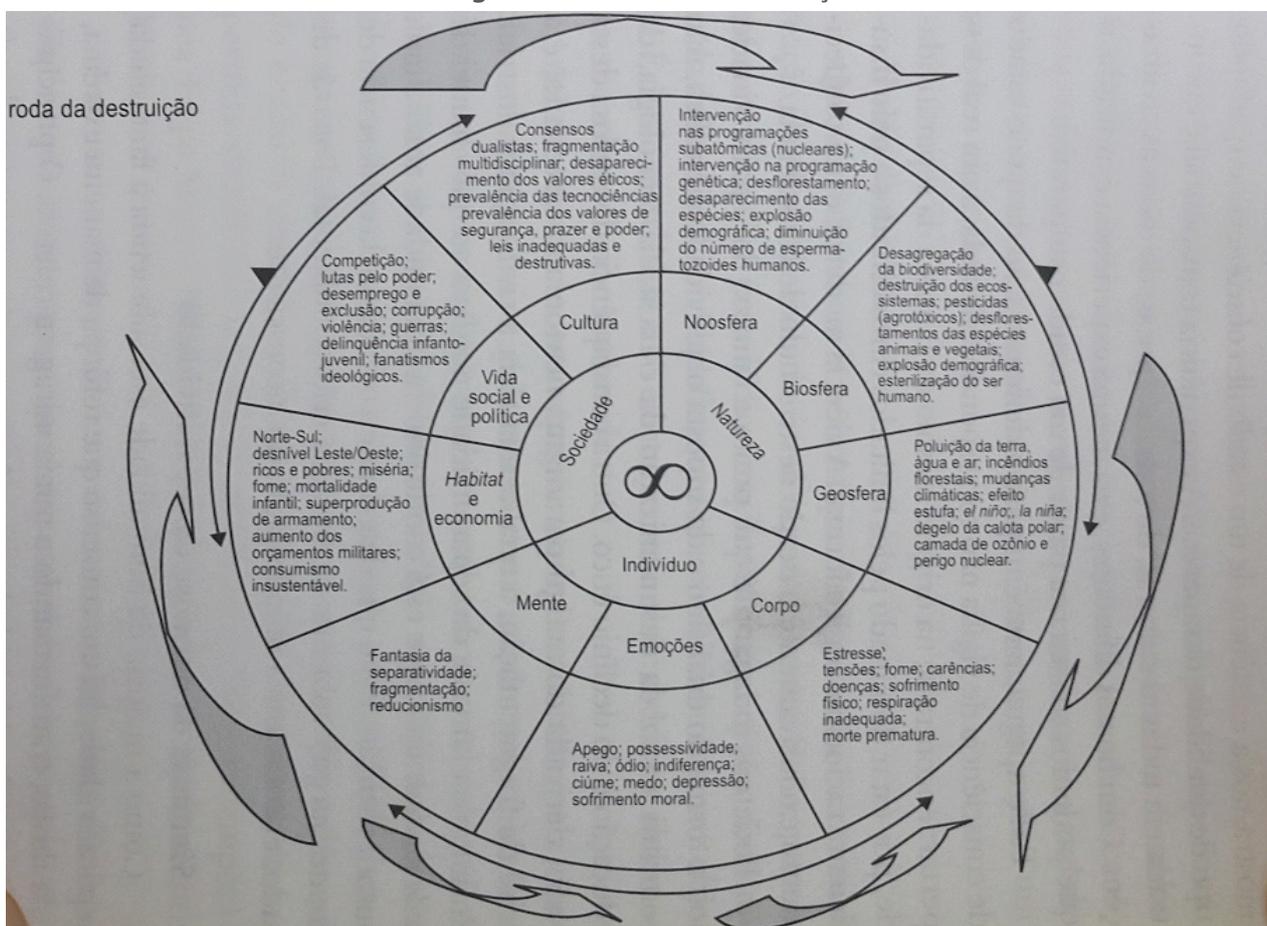
e ontologia sistêmicas, para possibilidades de mudanças inicialmente emergentes na base da formação humana holística, integrada, na qual, conforme Bhaskar (2012), estão importantes mecanismos (com seus poderes gerativos causais) que podem se movimentar para a superação de estruturas sociais de opressão e sofrimento, as quais são, em grande medida, (re)produzidas inconscientemente por nós mesmos/as.

Nessa linha de pensamento, as desigualdades, guerras, discriminações, exploração, injustiças, infelicidade, opressão, (auto)destruição, violência, sofrimento, medo são tanto efeitos causais do sistema de exploração capitalista quanto seu sustentáculo, (re) produzido em cada (inter/intra)ção na vida social. Podemos usar esta própria discussão para exemplificar a função do discurso na legitimação dos conhecimentos (discursos particulares, portanto) das “elites científico-tecnológicas” que sustentam um suposto “pensamento universal eurocêntrico”, nos termos de Dussel (2015), ou a visão cartesiana, mecanicista de mundo, para seus fins e projetos particulares.

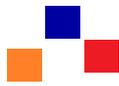
3. Fazendo parar a roda da (auto)destruição

Tal postura converge, também, nesse diálogo transdisciplinar, com princípios da Psicologia transpessoal, que nos oferece uma leitura adicional sobre a “fantasia da separatividade”:

Diagrama 1 – Roda da Destruição



Fonte: Weil, Leloup e Crema (2012, p. 78)



No âmbito da Psicologia transpessoal, os autores Weil, Leloup e Crema (2012) observam que o sistema da “roda da destruição” da atualidade abarca vários níveis (cultura, corpo, emoções, mente) para construir o que identificam como a principal doença da atualidade, a *normose*: um “conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar e agir aprovados por um consenso ou pela maioria de pessoas de uma determinada sociedade, que levam a sofrimentos, doenças, mortes” (WEIL, 2012, p. 18). Bem próximos do que propõe Bhaskar (2012), apresentam, no nível da cultura situada, “consensos dualistas”, “fragmentação multidisciplinar”, “leis destrutivas”; no nível da vida política e social, “competição”, “exclusão”; no nível da mente (discursos, para nossa concepção de prática social) “fantasia da separatividade”, “fragmentação”; no nível das emoções, “ódio”, “indiferença”, e assim por diante.

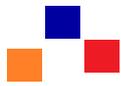
Para nós, é certo que tal “conjunto de normas legitimadas que levam a sofrimentos, doenças, mortes” sustenta-se também por meio do complexo informação-discurso no capitalismo tardio. Conforme Hardt e Negri (2004, p. 42-60), na atual “sociedade de controle”, o poder é exercido por sistemas de comunicação e redes flexíveis e flutuantes de informação que organizam internamente as práticas diárias e comuns, ou seja, por “uma máquina comunicacional de alta tecnologia, que representa uma fonte de ‘normatividade, legitimação e sustentação da hegemonia’.

Se, com Castells (2001, p. 22), entendemos que a identificação é, parcialmente, um “processo de construção de significado, baseado em atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras fontes de significado”, é parte de nossa agenda crítica lançar luz e dar visibilidade a vozes e discursos contra-hegemônicos, de modo a abrir caminhos para a divulgação de saberes, poderes e éticas orientados para a solidariedade, a união, buscando superar o sistema de (auto)destruição vigente.

Guénon (2010) contribui com esse diálogo ao desconstruir a ilusão das estruturas binárias que regem nosso mundo, de modo que uma suposta polaridade é, na realidade, a imagem invertida da outra polaridade, o que traz como consequência imediata o falseamento da própria realidade. O autor destaca que a maioria das pessoas está voltada para um mundo calcado em quantidade, o que ele denomina de ‘reino da quantidade’ e que, para essas, a ilusão perdura. Em outras palavras, é preciso demarcar pontos de observação, além do paradigma dualista de mundo e da visão quantitativa da realidade, para que os germes do futuro possam ser vislumbrados no seio das pesquisas críticas da contemporaneidade. Nesse esforço, é preciso se concentrar nas *manifestações* produzidas entre as polaridades ‘qualidade’ e ‘quantidade’, entre ‘essência’ e ‘substância’, entre ‘discurso’ e ‘estrutura social’, no nosso caso especificamente.

O autor chama a atenção para o fato de existir uma ‘fabricação’ da realidade, por meio do mecanismo da ‘solidificação’ da vida, de acordo com o qual os seres humanos tornam-se, cada vez mais, impenetráveis e presos ao uso científico que alimenta sua razão, ou seja, preso àquilo que reafirma seu estado sólido, denso e real. Guénon (2010) ressalta que

é preciso que o homem, pelo próprio fato desta ‘materialização’ ou desta ‘solidificação’ que se opera naturalmente nele, e que modifica



notavelmente a sua constituição 'psico-fisiológica', tenha perdido o uso das faculdades que lhe permitiam normalmente ultrapassar os limites do mundo sensível (2010, p.113).

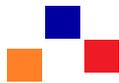
Nessa fabricação ideológica da realidade, o ser humano foi levado a se prender a artefatos e simulacros exclusivamente de base material, no seio das relações de produção nas sociedades de consumo, o que hoje ganha nuances novas com a tecnologização da vida.

4. Por uma ética sensível ao cuidado: transcendendo a centralização econômica

A essas reflexões acreditamos ser imprescindível acrescentar as contribuições da Antroposofia, uma ciência relacionada à cosmovisão do ser humano, na voz de seu proponente maior, Rudolf Steiner, para quem a vida deve ser olhada de fora, pois o que se chama hoje de 'realidade', nada mais é do que 'mundo visível'. A pergunta "Onde está o mundo ao qual pertencemos" está arraigada na própria constituição de vida do ser humano na Terra. Steiner considera que a angústia que assola o ser ao se deparar com essa questão mantém relação estreita com o avanço da civilização, pois mais intensamente se torna movimento do 'pensar' nas pessoas. Para nós, na Análise de Discurso Crítica, podemos relacionar essa ideia ao que Chouliaraki e Fairclough chamam de 'reflexividade', que é uma faceta inerente a toda prática social, uma vez que as pessoas sempre produzem representações do que elas fazem como parte daquilo que fazem.

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26), a reflexividade possui dois aspectos essenciais: (i) ela é alcançada por meio da luta social, visto que o saber sobre as práticas cria posições particulares dentro da própria prática ou fora dela; (ii) a reflexividade de uma prática "acarreta que todas as práticas possuam um aspecto discursivo irreduzível", não só no sentido de que todas as práticas envolvem, em algum grau, a linguagem, como também no sentido de que as "construções discursivas das práticas são em si mesmas partes das práticas".

Steiner (2006[1919]) chama de vida cultural ou espiritual essa parcela da existência humana que está além da realidade sensível do mundo concreto e palpável, o que converge com o conceito de meta-Realidade de Bhaskar (2012, p. 175), que inclui a "ideia da transcendência, isto é, a ideia de um nível além ou atrás ou entre a realidade". Steiner (2006) trata da trimembração do ser humano em seu pensar, sentir e querer, quando relaciona o ser e a natureza, uma vez que o ser humano torna a natureza exterior presente e desenvolve sentimentos sobre ela, atuando por meio de sua vontade. Rudolf Steiner explora o que está plasmado no subconsciente do ser humano e aborda o pensamento como um processo imaginativo que plasma, no interior do ser, meras imagens evanescentes que passam e flutuam. Os sentimentos e os impulsos do querer, plasmados pelo corpo do ser humano, são sentidos como menos valiosos no campo dos nossos desejos, crenças e valores no nosso mundo contemporâneo. Em suas palavras:



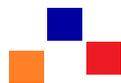
O pensamento passa; é uma imagem que continua a surgir e a desaparecer, uma imagem flutuante que vem e vai, que se contenta com sua existência de imagem. No entanto, se o ser humano olha para dentro de sua alma, nada encontra senão imagens representadas. E só pode dizer que sua alma consiste dessas imagens representadas (2006, p. 22).

De acordo com a Antroposofia, o modo como o ser humano comumente se relaciona com a realidade e com seu pensar, no seio dessa mesma realidade, é um processo calcado em representações, muitas vezes, ilusórias e superficiais das coisas. É, pois, objetivo dessa ciência universal e espiritual provocar mudanças na relação entre o ser humano e o seu pensar, com seu sentir e com seu querer, bem como na maneira como essa trimembração encontra ecos de resistência e de consciência na sua realidade interior e exterior. Possibilitar a penetração do ser nesses aspectos da realidade é o caminho que Steiner propõe para superar a própria dualidade 'dentro' e 'fora', de modo que seja possível, ao ser humano não apenas levar o seu 'eu' pelo mundo que o cerca, deixando de 'fora' o mundo e a sua natureza. É somente quando o ser vivencia, nos âmbitos do 'sentir' e do 'querer' essa aparência da natureza, representada por meio de imagens mentais, que se torna possível desenvolver, em sua interioridade, seu sentimento de existir e de pertencer a esse mundo.

Steiner alega que a humanidade desenvolveu, nos últimos séculos, uma vida espiritual-cultural dependente de forças econômicas no seio das instituições estatais. Defende que o homem, para transcender essa relação de dependência, precisa resistir à sua própria capacidade de adaptação, que foi construída ao longo do tempo e cristalizada em sua essência subjetiva mais profunda. A caotização da vida social da atualidade resulta exatamente, para Steiner, dessa dependência entre vida espiritual e cultural dos seres humanos e o Estado econômico. Considerando processos de resistência e conscientização, assim como os estudos da ADC, Steiner propõe que a liberdade do ser humano está fortemente atrelada à plena autogestão dos processos sociais, incluindo a educação, o que converge com as reflexões de Bhaskar (2002), na leitura de Barros (2015, p. 50), ao propor que "não há contradição entre espiritualidade e mudança social, e que a educação tem, portanto, o compromisso com a transformação das estruturas sociais e a emancipação":

Emancipação não pode ser imposta de fora, a emancipação sempre vem de dentro [...] Como isso funciona exatamente? A partir de uma inspiração espiritual, você passa a ter uma experiência política, que o leve a um compromisso com a mudança social radical. (BHASKAR, 2002, p. 301, *apud* BARROS, 2015, p. 50).

Na visão da Antroposofia, "todo educador deve dedicar ao ensino apenas o tempo que ainda lhe permita ser um administrador em seu campo de atuação" (STEINER, 2011[1919], p.18). Para Steiner a questão social, que hoje tem sido tão debatida entre cientistas, políticos/as e educadores/as, é parte integrante da vida humana civilizada que carrega em seu centro o elemento antissocial, que precisa sempre ser superado, a cada nova etapa da vida da humanidade. O autor propõe que as reivindicações por ajustes



e mudanças nessa vida social é preciso dialogar com soluções ainda não cogitadas, a partir da força geradora do 'querer' social de uma humanidade que esteja cada vez mais consciente de seus objetivos. Para isso, o primeiro passo é considerar a questão social como questão econômica, político-jurídica e espiritual/cultural.

Para Steiner, a trimembração do ser humano, em seu 'pensar', 'sentir' e 'querer' está intimamente relacionada com a trimembração da sociedade em sua organização e funcionamento nas três esferas: vida cultural/espiritual, vida jurídica e vida econômica.

Segundo Steiner, podemos buscar uma ética da paz e transcender a centralização na esfera econômica quando associarmos, na nossa vida prática, o seguinte:

Quadro 2 - Trimembração do ser humano em relação com a sociedade e valores éticos

Vida cultural/espiritual	----- pensar -----	LIBERDADE
Vida Jurídica	----- sentir -----	IGUALDADE
Vida econômica	----- querer -----	FRATERNIDADE

Na vida cultural e espiritual, está o 'pensar' do organismo social, é aqui que os sujeitos percebem sua inspiração, sua capacidade de mobilização, seu entusiasmo. Já a esfera econômica está na base do organismo social e se relaciona com o 'querer'; é a partir dela que se percebe as necessidades, primeiramente, e que se satisfaz necessidades, posteriormente.

O que é muito comum na "pós-modernidade" é uma perda da capacidade dos seres humanos de perceberem suas próprias necessidades, o que dificulta a satisfação delas e o que, por sua vez, gera descontentamento e sensações de medo, risco e insegurança na vida atual. A vida jurídica atualiza o 'sentir' do organismo social e é uma instância mediadora entre a vida cultural/espiritual e a vida econômica. É na vida jurídica que são firmados acordos e decisões coletivas que deveria ter como foco o bem-estar de todos, sem distinção.

5. A ênfase nas identidades em pesquisas críticas sociais

Fica claro que para caminharmos na direção de aliar nossas pesquisas ao que foi apontado neste ensaio sobre ética, cuidado, emancipação, é preciso repensar o espaço reservado em nossas práticas-teóricas para a questão da/s identidade/s. Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentaram uma proposta de explanação crítica com orientação declarada para análise de práticas problemáticas, que traça um caminho que pode culminar em mudança dessas práticas. Isso se deve ao fato de essa abordagem metodológica articular o discurso com outros momentos da prática social e das redes de práticas na qual a prática se insere, além de enfatizar o panorama conjuntural da prática focalizada e os modos de superar os desafios e obstáculos encontrados nas análises.

Esse arcabouço analítico tem servido de base para os estudos críticos explanatórios da ADC. Todavia, percebemos a relevância de debatermos sobre de que modo

focalizaremos, em termos metodológicos, os aspectos discutidos nesse artigo centrados em uma visão de mundo humanista, sistêmica-global e espiritual. Nesse sentido, entendemos, assim como proposto em Dias (2007; 2011; 2015) que a questão da identidade se torna parte crucial das análises críticas realizadas no bojo dos estudos discursivos na pós-modernidade. Para Giddens (2001), as identidades e as auto-identidades são reflexivamente organizadas, de maneira que “cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida” (GIDDENS, 2001, p. 20). A pergunta “como devo viver” faz parte do projeto reflexivo do eu baseado em narrativas biográficas coerentes, que são continuamente revisadas. Apresentamos a seguir o arcabouço de Dias, sobre o qual tecemos aqui algumas considerações.

Figura 1 – Arcabouço de Chouliaraki e Fairclough (1999) na releitura de Dias (2007)

1) Questão motivadora
2) Aprofundando a questão: a) Análise da conjuntura; b) Análise do discurso: (i) Análise interdiscursiva (ii) Análise linguística c) Análise das identidades
3) Definindo os principais desafios
4) Reconfigurando a questão
5) Refletindo sobre a análise

A mudança no foco em “problema” para “questão motivadora” é produtiva no sentido de retratar o aspecto selecionado para a pesquisa sem enquadrá-lo, de antemão, como problemático. Após a realização do segundo tópico do arcabouço – definindo os principais desafios – será possível, ao analista, compreender se a questão selecionada, de fato, faz parte da agenda a ADC, com base em uma análise concreta e teoricamente sustentada.

A fim de analisar um aspecto discursivo da vida social é necessário ampliar o olhar analítico, o que será feito a partir das três análises propostas no arcabouço, para entender as razões motivadoras e as implicações estruturais da questão focalizada. Essa etapa se chama Aprofundando a questão. Destacamos três tipos de análise fundamentais para orientar o processo dessa tarefa: análise da conjuntura; análise do discurso; análise das identidades.

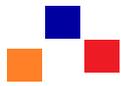
Na primeira etapa da pesquisa de cunho sociodiscursivo, uma análise conjuntural pode esclarecer o quadro da prática social em que o discurso se localiza. Essa análise envolve o cruzamento entre instituições, vozes, sujeitos, práticas e materiais que compõem tal prática social. É uma análise contextual comprometida a ir além da descrição estanque do tempo e do espaço que enquadra o problema; ela propicia uma visão tridimensional ao priorizar o entrelaçamento dos fatores múltiplos que caracterizam a prática em foco.

A segunda análise prioriza um olhar assentado na linguagem; trata-se da análise do discurso propriamente dita. É baseada na suposição de que a linguagem é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social, de modo que a análise e pesquisa social sempre têm a ver com linguagem (FAIRCLOUGH, 2003). A análise de discurso com duplo foco na estrutura e na interação possibilita, pois, um aprofundamento linguístico no problema focalizado na pesquisa. Aqui também é realizada a análise que coloca em diálogo os momentos da(s) prática(s) em foco, a saber: atividade material, relações sociais e processos, fenômenos mentais (crenças, valores e desejos) e discursos.

E, finalmente, a terceira análise focaliza um estudo acerca das identidades, a partir da qual é possível investigar não apenas as representações das identidades focalizadas na questão de pesquisa, como também a relação do 'eu' com as identidades sociais coletivas, a partir de sua biografia de vida cultural e espiritual, nos termos da Antroposofia, de modo a se focalizar em traços identitários, a modos de ser, à ética, conforme a ADC. Chouliaraki e Fairclough (1999) ressaltam que a incerteza das identidades é considerada um dos temas mais difundidos na "modernidade tardia". Do ponto de vista metodológico, a análise das identidades encontra-se, prioritariamente, no seio da análise discursiva. Todavia, essa etapa pode contar com uma articulação com a etnografia crítica, por exemplo, ou outra abordagem que auxilie o/a pesquisador/a a realizar a análise de processos de identificação. O diário de campo, as narrativas dos participantes de pesquisa e as entrevistas abertas são excelentes instrumentos para gerar dados para análises de processos identitários coletivos e individuais (SILVA e VIEIRA, 2002).

Além disso, um olhar analítico sobre as construções de auto-identidades possibilitará um entendimento das atividades reflexivas do indivíduo em suas rotinas. Diferentemente da noção de identidade que ainda supõe continuidade do tempo e no espaço, a auto-identidade e as identidades sociais, culturais e espirituais tem essa continuidade reflexivamente interpretada pelo ser que vive em um mundo não apenas material, mas metafísico e intuitivo também. Essa é uma análise particularmente relevante porque é exatamente por meio dela que o/a analista poderá incluir um espaço na sua análise para enxergar e procurar compreender o que está na realidade profunda, de base não material, escondida pela cultura do simulacro. Nesse sentido, é possível capturar elementos importantes acerca das relações sutis de poder, dominação, exclusão, possibilitando, nesse processo em construção, alcançar a "estrutura fina" da *autoestruturação interna do ser* (BHASKAR, 2012; BARROS, 2015), como mecanismo causal fundamental da emancipação.

A título de exemplo, na pesquisa de Dias (2007, 2015) sobre práticas discursivas conflitantes na constituição das identidades de obstetras e de gestantes no que concerne ao tipo de parto escolhido, a autora focaliza as relações de poder existentes entre o papel do/a obstetra e da mulher grávida, que possui implicações ideológicas na esfera discursiva e social. Faz uma reflexão fundamentada na análise dos discursos dos(as) médicos(as) e das mulheres (mães e gestantes) acerca do processo de nascimento inserido no contexto da medicina atual, por meio de percursos que incluem uma visão social, cultural, ideológica e discursiva do tema. De cunho qualitativo, assentada nas bases da ADC e da etnografia crítica, o estudo objetiva analisar a constituição das identidades e das práticas discursivas



e sociais referentes à parturição, com vistas a contribuir para uma visão mais humanizada dos nascimentos, possibilitando, assim, um entendimento das atividades reflexivas do indivíduo em suas rotinas.

Na etapa chamada *Definindo os principais desafios*, há um redirecionamento da análise científica social com base na lógica relacional para a baseada na lógica dialética. Isso significa que, nessa etapa da análise, interessa não mais focalizar a estabilidade relativa das práticas, mas sim analisar a estabilidade como um efeito de poder e como um fator de reprodução das relações assimétricas, cujo foco recai sobre a tensão dialética entre as estruturas e as atividades práticas das pessoas engajadas na prática social em foco.

Na etapa *Refletindo sobre a análise*, insere-se a relação entre a prática teórica do/a analista e as 'práticas' analisadas. Todo/a pesquisador/a parte de uma determinada posição dentro do campo teórico, possuindo um interesse de conhecimento particular que acarreta, conseqüentemente, perspectivas orientadas para problemas, poder, ideologia etc. Uma pesquisa crítica social pode ser reflexiva no sentido de inserir uma reflexão sobre o ponto de vista a partir do qual a pesquisa é efetuada.

O objetivo na etapa *Reconfigurando a questão* é discernir os recursos que são possíveis para modificar as coisas em seus modos de ser usuais. O foco desta etapa ultrapassa as estruturas reprodutivas para ressaltar os percursos que as pessoas fazem em determinadas condições estruturais. O importante é focalizar as estruturas como sistemas abertos para a ação transformadora, o que geralmente caracteriza-se pelas tensões e contradições no interior de uma prática, em ocasiões particulares.

O que interessa, então, é retomar a questão inicial que foi destacada, caracterizada e analisada ao longo de todo o processo proposto pelo arcabouço, para finalmente ser possível a visualização de novos aspectos não antes vislumbrados. É importante, portanto, destacar os caminhos que se abrem a partir da análise feita a fim de que uma visão inovadora da questão inicial seja lançada no mundo social.

Considerações finais

Como apontamos inicialmente, a ADC busca, com sua postura crítica, alcançar "níveis mais profundos, suas entidades, estruturas e mecanismos que existem e operam no mundo". Por isso, sua abordagem teórico-metodológica baseia-se em análises de mecanismos causais e de seus efeitos potenciais em contextos particulares, com atenção voltada para causas e efeitos envolvidos em relações de poder (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. vii). Para nós, isso implica colocar em debate teorias humanistas-universalistas na ADC com atenção voltada, ainda que dialeticamente, para o *eixo da ética*, da "prática de si", das identidades, dos estilos nos gêneros e discursos, das "relações consigo mesmo/a", do "sujeito moral", das maneiras processuais e performáticas de *ser* e de *se identificar* no mundo, em práticas particulares (FOUCAULT, 1994; 2010[1984]).

Nessa perspectiva, defendemos que um trabalho teórico-analítico mais cuidadoso com a questão das identidades, do "eu", e da postura ética do *ser* no mundo tem muito



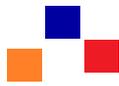
a nos revelar sobre mecanismos causais de manutenção de sofrimentos e opressões internalizadas, assim como sobre recursos potenciais para sua superação. Buscamos, assim, desenvolver estudos tendo em vista mudanças sociais em direção à emancipação humana (BARROS, 2015) e à superação de crises morais, éticas, espirituais, dando espaço e visibilidade a discursos locais de resistência, contra-hegemônicos, criativos, libertadores.

Com Bhaskar (2012), refletimos que a ADC pode nos auxiliar a construir a mudança em direção a conscientização universal crítica, e não só uma conscientização linguística, o que consiste em uma conscientização social como caminho para a emancipação, em uma postura alinhada com o movimento de descolonização epistemológica de um suposto 'pensamento universal' dualista e mecanicista predominante nas ciências, na economia, em favor de uma postura ética sensível ao cuidado, à empatia e mais respeitosa no universo.

Steiner (2011) nos ajudou, principalmente, nesse esforço ontológico-epistemológico-metodológico, a conceber uma visão do *mundo cultural e espiritual* com base na trimembração do ser humano, em seu pensar, sentir e querer e nos mostrou como que esse mesmo processo pode ser espelhado no organismo social. Nesse sentido, destacamos que a trimembração social nos revela que o âmbito do 'pensar' está aliado à vida cultural espiritual de modo mais estreito e que mobiliza nossas capacidades de estar e de atuar no mundo, de forma a nos acender a LIBERDADE. Revela também que o 'sentir' do organismo social está atrelado à estruturação das relações e dialoga com os acordos e normas que regem a vida social, o que é expresso pela vida jurídica (associada ao 'cuidado') da sociedade e que deveria trazer em seu cerne a IGUALDADE. Por fim, no âmbito do 'querer', Steiner nos mostra como a satisfação das necessidades se relaciona com a vida econômica que deveria estar assentada no lema da FRATERNIDADE.

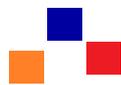
Vislumbramos a relevância de incluirmos nas reflexões e análises em ADC a instância das identidades, no sentido de focalizarmos as mudanças sociais a partir do foco no sujeito social, cultural e espiritual que vive nesse mundo de base não apenas materialista. Lançamos como questões para o futuro a proposição de um diálogo entre a trimembração do organismo social, proposta por Steiner, e os momentos da prática social, propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999), tendo em vista caminhos teórico-metodológicos ética e politicamente comprometidos com questões sociais relacionados a poder e ao cuidado – de si, de outrem, do mundo.

Destacamos, para finalizar, que uma ideia comum marca essa rede de teorias que dialogaram nesse artigo que pode ser resumida pelas seguintes palavras: a vida é sempre maior que as teorias sobre a vida, ou ainda, as teorias nada mais são do que práticas teóricas, pois as próprias teorias estão engajadas em uma série de outras práticas, o que as caracteriza, primordialmente, como uma construção a posteriori da vida. Para encerrar, destacamos a indicação de Steiner (2011) de que não devemos lançar mão das teorias para um exercício de natureza meramente intelectual, uma vez que seu caráter prático e sua aplicação prática são partes inalienáveis da ciência proposta. Cremos que a mesma indicação vale para todas as teorias postas em diálogo neste trabalho.



Referências

- BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação humana**: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso. Campinas: Pontes, 2015.
- BHASKAR, R. Philosophy and scientific realism. In: ARCHER, M.; BHASKAR, R; COLLIER, A.; LAWSON, T. & NORRIE, A. (Ed.). **Critical realism**: essential readings. London; New York: Routledge, 1998, p. 16-47.
- BHASKAR, R. **Reflections on Meta-Reality**: transcendence, emancipation and everyday life. London/New York: Routledge, 2012.
- BHASKAR, R. **From science to emancipation**. Alienation and the actuality of Enlightenment. Sage Publications: New Delhi/London, 2002.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo. Cultrix, 2004[1982].
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.
- DIAS, J. **A linguagem do parto**: discurso, corpo, identidade. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 10. Campinas: Pontes, 2015.
- DIAS, J. Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 12 (2), 2011, p. 213-246.
- DIAS, J. **O renascimento do parto**: discurso e identidade. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2007.
- DUSSEL, Enrique. La filosofía europea no es universal. **Elespectador**. Disponível em <http://www.elespectador.com/noticias/actualidad/filosofiaeuropaeouniversalarticulo552386>. 3 de abril de 2015. Acesso em 07 de abril de 2015.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.
- FOUCAULT, Michel. What is enlightenment? In: RABINOW, P. (Ed.). **Michel Foucault**: essential works, v. 1, Ethics. Harmondsworth: Penguin, 1994, p. 303-319.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 2010[1984].
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GUÉNON, R. **Os símbolos da Ciência Sagrada**. São Paulo: Irgel, 2010.
- HARDT, M. & NEGRI, A. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RAMALHO, V. e RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.



RAMALHO, Viviane. 'Viva sem menstruar': representações da saúde na mídia. In: SATO, D. & BATISTA JÚNIOR J. R. (Org.). **Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: uma homenagem à Izabel Magalhães**. Campinas: Pontes, 2013, p. 231-255.

RESENDE, V. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**. Implicações interdisciplinares. Campinas: Pontes, 2009.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSENDO, D. **Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista**. Curitiba: Prismas, 2015.

SAYER, Andrew. Características-chave do Realismo Crítico na prática: um breve resumo. **Estudos de Sociologia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 6, n. 2, jul./dez., 2000, p. 7-32.

SILVA, D. E. G. da e VIEIRA, J. (Org.) **Análise do discurso**. Percursos teóricos e metodológicos. UnB: Brasília, 2002.

STEINER, Rudolf. **A questão pedagógica como questão social**. São Paulo: Antroposófica. FEWB. 2009[1919].

STEINER, Rudolf. **Os pontos centrais da questão social: aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade**. São Paulo: Antroposófica. 2011[1919].

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Trad. (Coord.) Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEIL, Pierre; LELOUP Jean-Yves & CREMA, Roberto. **Normose: a patologia da normalidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido em 03 de setembro de 2015.

Aprovado em 12 de março de 2016.

Viviane Vieira

Docente e pesquisadora da Universidade de Brasília/Programa de Pós-Graduação em Linguística (UnB/PPGL). Doutora em Linguística/Área Linguagem e Sociedade, pela UnB. E-mail: vivi@unb.br

Juliana de Freitas Dias

Docente e pesquisadora da Universidade de Brasília/Programa de Pós-Graduação em Linguística (UnB/PPGL). Doutora em Linguística/Área Linguagem e Sociedade, pela UnB. E-mail: ju.freitas.d@gmail.com